

A Crítica à Razão Totalitária no Novo Pensamento de Franz Rosenzweig

[The Critique of Totalitarian Reason in Franz Rosenzweig's New Thought]

Claudionor Soares Muniz*; Fernando Danner**

Resumo: O presente artigo apresenta breves apontamentos sobre o “novo pensamento” do filósofo alemão Franz Rosenzweig, na obra *A Estrela da Redenção*, com a exposição da razão e sua vocação totalitária e violenta, que desde a Antiguidade até a Modernidade, fundamentava-se na busca incansável pelo conhecimento do Todo, na sua essência, com a formulação de conceitos, em uma experiência fechada. Em contraposição, o filósofo de Kassel aponta a sua proposta de um novo sistema filosófico, com vocabulário assemelhado ao encontrado na teologia judaica, chegando a ser confundido como pensamento teológico, que escancarava uma alternativa de análise da experiência (aberta, dinâmica, relacional e no tempo), a construção de uma razão plural, admitindo-se e respeitando-se a pluralidade.

Palavras-chave: Razão. Totalidade. Novo Pensamento. Pluralidade. Violência.

Abstract: The present article presents brief notes on the "new thought" of the German philosopher Franz Rosenzweig, in the work *The Star of Redemption*, with the exposure of reason and its totalitarian and violent vocation, which, since Antiquity until Modernity, was based on the tireless search for knowledge of the All, in its essence, with the formulation of concepts, in a closed experience. In contrast, the philosopher from Kassel points out his proposal for a new philosophical system, with a vocabulary similar to the one found in Jewish theology, even being confused with theological thought, which revealed an alternative analysis of experience (open, dynamic, relational and in time), the construction of a plural reason, admitting and respecting plurality.

Keywords: Reason. Totality. New Thought. Plurality. Violence.

*Mestrando em Filosofia na Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Graduado em Direito pelo Centro Universitário Luterano de Ji-Paraná. E-mail: claudionormuniz@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5221-1537>.

**Professor de Ética e Filosofia Política da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: fernando.danner@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2461-4819>.

1. Considerações iniciais

O presente artigo apresenta breves apontamentos sobre o “novo pensamento” do filósofo alemão Franz Rosenzweig, tendo como método de pesquisa a revisão de literatura, consistente na busca e análise de referências bibliográficas, principalmente partindo dos seus livros mais expressivos, o primeiro *A Estrela da Redenção* e o segundo uma espécie de apresentação de chaves adicionais de compreensão desse primeiro, denominado pelo autor como *O Novo Pensamento em Franz Rosenzweig*, além da contribuição de comentários e análises de outros autores que se dedicaram e se dedicam às obras do mesmo autor ou de temas relacionados à razão totalitária ou a origem da violência, encontrados em artigos científicos publicados.

Para tanto, ainda, buscou-se pesquisar como se construiu o denominado “novo pensamento” de Rosenzweig e os motivos que fazem o autor diagnosticar e sustentar que a razão construída da Antiguidade à Modernidade possui perfil totalitário e fonte geradora de violência.

Vale registrar desde já que a busca de uma genealogia da razão ao longo da história, percorrendo da Antiguidade à Modernidade, ganhou força após os eventos totalitários no século XX, quando de seu principal efeito violento, o genocídio de judeus, durante o holocausto nazista, cujo resultado indicava, inclusive, que a violência, não era somente a falta de razão, mas, era fruto de sua vocação totalitária.

Antes desse cenário mais agudo surgiu um movimento, atento e com a pretensão de remontar as bases dessa razão, principalmente a desenvolvida no ocidente, desde o momento inaugural da filosofia até as obras dos filósofos da chamada “Escola de Frankfurt”, identificando que esses totalitarismos eram mais comuns do que se imaginava, ou seja, seguiam uma lógica, que corresponderiam perfeitamente à possível tradução política de modelos metafísicos existentes. (PERIUS, 2020, pp. 257-258)

Pouco antes desses movimentos totalitários e genocidas alcançarem o seu ápice na Europa, com o dito horrendo holocausto, surgiu como um dos expoentes o filósofo Rosenzweig, preocupado ao observar atentamente essa lógica no pensamento ocidental, fundamentada em uma razão totalitária, que por vez era produtora de violência.

Apenas para contextualizar o cenário de sua obra principal, isto é, a obra *A Estrela da Redenção*, vale registrar que seu autor nasceu em Kassel em 1886, no seio de uma família judia, estabelecida e assimilada na Alemanha, onde cursou medicina, filosofia e história, logrando o doutorado nesta última, com a tese intitulada *Hegel e o Estado*, concluída pouco antes da Primeira Grande Guerra, mas, publicada somente depois.

Apesar da assimilação onde vivia, percebeu os desafios que o seu tempo colocava para a identidade do povo judeu, tanto que muitos se convertiam ao cristianismo, o que também chegou a ser cogitado por ele.

Desde muito cedo observou a existência de uma lógica no pensamento racional ocidental, ou seja, uma racionalidade totalitária, justamente por não se admitir a coexistência da pluralidade, tanto que os judeus somente eram aceitos caso tivessem excelente assimilação a ponto de que não pudesse ser observada alguma diferença entre eles e os alemães, criando um judaísmo puramente formal, com reduzidos ritos e muitos deles sem significado.

Logo a aceitação de judeus na Alemanha residia no fato deles assimilarem os costumes, a cultura, os valores ou até mesmo a religião cristã a ponto de se parecerem ou reduzirem suas subjetividades, anulando-se completamente sua identidade.

Posteriormente, no cenário da Primeira Grande Guerra, em 1921, momento bastante conturbado, estando Rosenzweig em pleno frente e de-parando-se com a morte de perto, é que nasceu a obra *A Estrela da Redenção*, escrita em pequenas partes, tendo como principal intenção propor o que chamou de “um novo pensamento”, buscando uma alternativa ao paradigma da razão, desta vez não totalizante, não redutora ou não uniformizadora das subjetividades, mas, plural, múltipla e dialógica.

Para o professor Oneide Perius, comentando esse momento da guerra vivido por Rosenzweig, eis algumas pistas de que essa razão apontava para a eliminação física, através da violência:

A guerra mostra-se o recurso extremo de uma racionalidade que já opera muito antes de ela ser declarada. Isto é, a impossibilidade de as diferentes culturas e os diferentes povos conviverem de forma pacífica faz da guerra um recurso sempre presente no horizonte. No limite, a

crença numa verdade absoluta e o autoconvencimento de estar de posse dessa verdade levam à legitimação de guerra que continua a *dinâmica da racionalidade redutora* com outros meios. A anulação daquilo que é próprio da cultura judaica, de sua identidade, é o prenúncio daquilo que viria depois, ou seja, *a eliminação física daqueles que teimaram em não desaparecer metafisicamente*. (PERIUS, 2019, p. 111) – (grifo acrescentado)

Na obra *A Estrela da Redenção*, o dito filósofo, propõe uma nova forma de pensar, um novo sistema filosófico, utilizando-se de um vocábulo similar ao encontrado na teologia judaica, inclusive, por vezes comparado ao cristianismo, por isso, então, muitas vezes confundido como pensamento teológico, quando, na verdade, se tratava de uma sutil crítica, muito poderosa contra a corrente filosófica principal de sua época, gerando efeitos até a atualidade.

Aqui vale repisar, pois comumente quando as pessoas leem *A Estrela da Redenção* acredita-se estar lendo uma obra voltada ao pensamento teológico, à religião judaica ou mesmo à filosofia da religião, o que de forma direta o próprio Rosenzweig refutou em sua obra *O Novo Pensamento de Franz Rosenzweig* ao afirmar que não se tratava disso. Aliás, apontou o filósofo que sequer existia a palavra religião em sua primeira obra e que seu objetivo era apresentar um novo sistema filosófico através de um “novo pensamento”. (ROSENZWEIG, 2005, pp. 13-14)

A linguagem judaica, ou seja, o uso do judaísmo na verdade estampava o seu método, por isso, mais adequado afirmar que *A Estrela da Redenção* se encaixa melhor na história da filosofia, apresentando um novo sistema filosófico, ou seja, um novo pensamento e não uma filosofia da religião ou simplesmente uma obra teológica, com o fito de romper com os modelos existentes até aquele momento.

Esse autoproclamado “novo pensamento” apresentava-se marcado por uma espécie de oralidade, uma narrativa, um diálogo com o outro, contrapondo-se ao monólogo do “eu” dos filósofos do “velho pensamento”, substituindo-se, assim, a razão e a lógica destes últimos, como ferramentas básicas e limitantes de pensamento.

Para Rosenzweig, os filósofos do “velho pensamento” buscavam doentia-mente uma racionalidade firmada na busca insistente de uma essência, o Ser

(ROSENZWEIG, 2005, p. 19), a que tudo se reduziria, sob o medo ou a não aceitação da própria mortalidade, por isso, segundo o filósofo de Kassel, essa lógica do pensamento deveria ser substituída por uma saudável aceitação da realidade como ela se apresentava (a realidade, a experiência, a concretude). (FILHO, 2009, p. 25)

A Estrela da Redenção é dividida em três partes ou mesmo livros (Elementos, Via e Forma).

A primeira parte é destinada “aos filósofos”, contrapondo-se à ontologia da “razão totalizadora”, tendo seu ápice em Hegel, contendo três componentes irredutíveis da realidade: Deus, Mundo e Homem.

Esse seria justamente o diferencial ou o ponto de partida do “novo pensamento” de Rosenzweig, ou seja, não meramente uma busca sobre o conhecimento de Mundo (Cosmos), de Deus (Divindade), e do Homem (Humanidade), formadores de um Todo, mas, o que fazem ou o que neles ocorre, no tempo e na realidade (experiência ou concretude). (FILHO, 2009, p. 26)

A diferença residiria então em se afastar da filosofia meramente pensada com a busca de uma filosofia experimentada, partido desses três conhecimentos ou componentes irredutíveis. Isso seria o ponto culminante da primeira parte de *A Estrela da Redenção*. A intenção era a de ensinar que nenhum desses três grandes conceitos fundamentais do pensar filosófico poderia ser reduzido ao outro. Para tanto, era expresso e notório o pensamento de uma forma positiva, isto é, dizer que nenhum deles pudesse ser reduzido aos outros dois ou vice-versa, vez que cada um só se deixaria reduzir a si mesmo. Cada um desses conceitos seria ele mesmo "essência", cada um seria ele mesmo “substância”, com todo o peso metafísico destas expressões. (ROSENZWEIG, 2005, pp. 21-22)

A segunda parte cuidava da relação entre esses mesmos três elementos, tendo como conceito central o da “Revelação”, que se desenvolveria no tempo: no passado (na Criação), no presente (na Revelação ou na oralidade) e no futuro (na Redenção). (FILHO, 2009, p. 26)

Nessa parte o autor apresentou ao seu leitor os caminhos que levariam o universo intelectual a tornar-se familiar ao mundo. Nesse passo, a teologia não poderia rebaixar a filosofia à condição de seu empregado doméstico. Igualmente indigno seria o papel da filosofia se acostumar a impingir essa mesma

condição à teologia nos últimos tempos. Assim, à medida que esta parte do livro fosse desenvolvida a verdadeira relação entre as duas disciplinas citadas apresentavam-se como fraternas em sua nova forma e deveriam fundir-se na mesma pessoa de quem as praticava. Os problemas teológicos deveriam ser traduzidos em termos humanos e humanos elevados ao nível de teologia. (ROSENZWEIG, 2005, pp. 36-37)

A terceira parte trata-se do reflexo desse futuro, ou seja, a forma contra “os tiranos”, ou seja, as estruturas de poder se faziam presentes, vez que o futuro remido já iluminaria o presente, onde a eternidade entraria no tempo. (FILHO, 2009, p. 26)

Em certa medida tratava-se de um convite a observar os pontos de tensão produzidos por esses tiranos e as estruturas de poder observadas na realidade posta. Nesse particular é possível constatar a emergência do pensamento de Rosenzweig, escrito durante a dinâmica da Primeira Grande Guerra e indicando que a razão totalitária vigente à época apontava, ainda, para novo momento de tensão, que posteriormente culminou com a Segunda Grande Guerra e o holocausto de judeus por conta de que o desprezo pelo plural (múltiplo, diferente, o outro, a alteridade, etc) se fazia presente.

Assim, para Rosenzweig seria importante substituir o mero conhecimento dos objetos, que prescinde do tempo, para a busca da experiência de eventos justamente no tempo (temporalidade), no concreto (concretude). Para isso, era imprescindível o falar, o dialógico, ancorado no tempo, abrindo a um verdadeiro diálogo e uma escuta ativa e atenta ao Outro, substituindo-se, assim, o monólogo atemporal do “velho pensamento”, na busca do ser, da sua essência. Por isso, o filósofo de Kassel era um pensador da palavra, também conhecido como experiencial ou da concretude. (FILHO, 2009, p. 26)

2. A crítica à razão totalitária e a construção da razão plural

“Pela morte, pelo medo da morte, o conhecimento do Todo começa. Para destruir a angústia do terreno, para tirar até a morte sua picada venenosa e seu hálito de pestilência para o Hades, orgulha-se a filosofia. Tudo o que é mortal vive na angústia da morte; cada novo nascimento aumenta em um as razões para a angústia, porque aumenta o mortal. Pare incessantemente o seio da Terra infatigável, e todos os seus nas-

cimentos são colocados à mercê da morte: todos aguardam com medo e tremendo o dia de sua viagem ao Escuro” (ROSENZWEIG, 1997, p. 44 – tradução livre, grifo acrescentado)

Interessante que *A Estrela da Redenção* começou anunciando que a busca pelo “conhecimento do Todo”, surgiria pela morte, pelo medo da morte e pela angústia. Logo, para os filósofos do “antigo pensamento” acreditava-se que através da busca incessante por esse conhecimento, seria capaz de livrar-nos desses sentimentos, dessas ameaças.

Então, seguindo a sua intuição, Rosenzweig observou desde já uma fragmentação, ou seja, a busca incessante dos elementos desse Todo, que seria o caminho a ser percorrido por essa razão, ou seja, a busca dessa Totalidade.

Uma vez alcançada, a posse ou a apropriação de tal conhecimento, a descoberta de sua “natureza” ou de sua “essência” chegaria a uma espécie de fechamento da realidade (algo estático), com a sua lógica e suas necessidades. Por outro lado, na verdade, segundo o filósofo de Kassel, isso estaria muito longe da realidade posta, justamente por conta de sua imprevisibilidade. (PERIUS, 2020, p. 259)

A busca do conhecimento do Todo, por meio de uma estrutura fundamental da realidade, apontava para uma realidade fechada, em um círculo de repetição cíclica de arquétipos intemporais, estática e mítica, ou seja, uma vez determinada a sua essência, não se poderia fugir de sua estrita natureza. Nessa medida, a realidade seria uma constante repetição ou do eterno retorno do mesmo. Tratava-se de uma filosofia que se apresentava como oriunda de uma visão do conhecimento do Todo, ou seja, um falso saber esclarecido, quando, na verdade, visava ocultar a sua visão de mundo mítica. (PERIUS, 2020, p. 259) Assim, Rosenzweig voltava para uma de suas mais sérias críticas, no sentido de que essa estrutura fechada da realidade, cunhada no medo, na morte e na angústia, oriunda do “velho pensamento”, “de Jônia até Iena”, isto é, dos antigos filósofos pré-socráticos até Hegel, a par de algumas diferenças, reproduziam a mesma estrutura do conhecimento da realidade ou da suposta ou da falsa realidade, do Todo, sendo, então, mítica e totalizante.

Vale registrar que o autor de Kassel não buscava abandonar ou romper totalmente com o pensamento produzido durante o referido período, mas, primeiramente, expor os pressupostos sistemáticos de uma filosofia que pretensiosa-

mente afirmava conhecer a realidade em sua totalidade, isto é, que acreditava na potência do pensamento, como se fosse possível descobrir as mais profundas estruturas, sistematizando-se a figura do real, onde a lógica viria antes da própria realidade, ou seja, o pensamento poderia ser retirado do fluxo da realidade, em ato contínuo formando a realidade que se pretenderia conhecer, através do pressuposto de que o mundo seria pensável ou inteligível. (PERIUS, 2020, p. 260)

Assim, vai evidenciando-se a característica fundamental desse conjunto de filosofias na história da metafísica (dos pré-socráticos à Hegel), com uma sistemática redução da pluralidade ou da multiplicidade da realidade, apresentando apenas a aparência, impondo tudo a um Todo ou ao Uno, ao cosmos ordenado dos princípios. (PERIUS, 2020, p. 260)

Por conta disso, a importância de observar esse sistema petrificado da filosofia, obcecado pelo Total, pela Uno, pela identidade, conforme os ensinamentos do professor Perius:

Assim, se faz necessário perceber como na raiz dos grandes sistemas de pensamento está a obsessão pela identidade. O esforço de redução do múltiplo ao uno é a consequência dessa concepção fundamental. De acordo com o autor, três foram os grandes movimentos de redução que podem ser observados na filosofia. A antiguidade cosmológica, em que a multiplicidade da realidade em seus diferentes elementos era vista como se estivesse assentada sobre uma ordem, o Cosmos; a Idade Média teológica, em que Deus passa a ser a instância ontológica fundadora da realidade à qual remetem tanto o mundo como o ser humano como criaturas; por fim, a modernidade antropológica, em que razão humana se percebe como novo centro ao qual a multiplicidade remete. Em cada uma dessas épocas, ou então, para usar uma terminologia schellinguiana, em cada uma das idades do mundo ergueu-se uma construção conceitual com uma arquitetura específica. No entanto, sempre um dos elementos do complexo e múltiplo universo da experiência era posto como pedra angular que deveria sustentar todos os outros. A possibilidade de uma multiplicidade que fosse por si mesma originária nunca nem sequer pôde ser cogitada pelos filósofos. Se não se chega à unidade é porque ainda não se esgotou o trabalho do pensamento filosófico. (PERIUS, 2019, p. 114) – (grifo acrescentado)

Isso em certa medida ocorreu, porque para a filosofia, ou melhor, para os filósofos, o aparente caos da multiplicidade ou da pluralidade tornou-se uma espécie de conceito-limite, por ameaçar as determinações e identidades estabelecidas pelo pensador ordenador, com medo de sua desintegração ou desagregação. Por conta disso, a(s) metafísica(s) tinha(m) a finalidade de tentar ordenar a realidade, encontrar as leis que a regulavam, apesar desta realidade, por vezes, apresentar-se sem sentido. (PERIUS, 2020, p. 261)

Nesse caminho, segundo Rosenzweig, até Hegel, apresentavam-se três figuras na filosofia: a antiguidade cosmológica (Mundo ou Cosmos), a idade média teológica (Deus ou Divindade) e a modernidade antropológica (Homem ou Humanidade).

Em sua visão sistemática, ele não buscava uma visão de mundo alternativa, muito menos impor argumentos históricos aos conceitos filosóficos existentes e dominantes, mas, preocupava-se com a exposição da estruturação da realidade, apontando em função de seus próprios elementos e composição, a lógica e os pressupostos dogmáticos, de fundo, nesses modelos, pensados não ao acaso, mas, propositalmente, a fim de reduzir a multiplicidade do real à unidade de um princípio. (PERIUS, 2020, p. 261)

Nesse sentido, para Rosenzweig, tanto o Mundo grego com o Cosmos como princípio, o Medievo com o Mundo e o Homem como criaturas criadas por Deus e, na Modernidade com a suposta ruptura teológica, abraçando-se à perspectiva antropológica, seguiam uma mesma lógica de fundo, ou seja, na origem desses três momentos (Antiguidade, Medievo e Modernidade) haveria uma consciência, uma mesma racionalidade, somente modificando os termos da relação em cada uma dessas épocas, no começo o Cosmos, depois Deus e por fim o Homem, sem qualquer relação entre eles.

Nesses três momentos havia, sem exceção, uma lógica reducionista no sentido de conduzir a multiplicidade do real a um princípio ontológico ordenador e primeiro em relação aos outros, novamente, em um eterno retorno do mesmo. Assim, apesar das mudanças de nomenclaturas, as funções relacionais dentro do sistema eram justamente as mesmas, apenas uma alteração de ênfase em determinado elemento da dita relação. (PERIUS, 2020, p. 263)

Para Rosenzweig a Modernidade não possuía uma racionalidade nova, como

se fosse uma ruptura profunda com as figuras dos saberes anteriores, mas, pelo contrário, era possuidora de um parentesco estrutural, totalizante e redutor de realidades.

Nesse particular, o filósofo alemão, em seu “novo pensamento” buscava compreender e modificar o entendimento dessa lógica e da realidade fechada, implodindo esta racionalidade e esta totalidade, na busca de observar os elementos que a compunham, na busca de uma experiência sempre renovada, dinâmica, não estática ou capaz de se encerrar na lógica e na unidade fundamental do Todo.

Assim, ao analisar esse momento e a proposta renovadora do pensamento de Rosenzweig leciona o professor Perius:

Desse modo, o esforço de reduzir a multiplicidade à unidade marcou de forma decisiva o pensamento filosófico ao longo das diferentes épocas. As revoluções que se anunciavam, assim, não passavam de rearranjos em que o projeto arquitetônico se modificava, mas os materiais eram sempre os mesmos. Mesmo a modernidade que orgulhosamente se apresentava como tempo novo não representou, nesse sentido, uma profunda ruptura. Apenas modificou o centro ao qual a multiplicidade era reduzida. *A obra do filósofo de Kassel parte do desafio de renovar o pensamento filosófico não propondo novo fundamento ou nova pedra angular de onde nova construção devesse começar. A proposta, ao invés disso, é partir da realidade do múltiplo que se impõe ao pensamento. Essa multiplicidade que nos é óbvia no plano concreto da experiência precisa ser levada a sério. O que Franz Rosenzweig propõe, desse modo, é uma filosofia experiencial (Erfahrende Philosophie).* (PERIUS, 2019, p. 114) – (grifo acrescentado)

Nesse mesmo sentido o professor Ricardo Timm de Souza ao analisar a obra de Rosenzweig descobriu uma razão plural originária, onde a pluralidade não se referia meramente a fragmentos de uma razão única, desconstruída ou implodida em seu roçar com a História. Aliás, não se tratava de uma razão única que se desarticulava em microrrazões individuais e parciais, pelo contrário, apresentava-se como uma pluralidade de razões com igual dignidade e igual antiguidade, constituídas em seu âmago exatamente como pluralidades. Dessa forma, uma espécie de verdade que não se admitia em si toda e qualquer possi-

bilidade de o real ser verdadeiro. Aqui se observa a sua multiplicidade, vez que antes se encontrava com outra verdade final, não redutora, após todas as circunvoluções racionais, criando-se outra verdade tão verdadeira quanto ela mesma, dando, assim, origem ao sentido do real, múltiplo. (SOUZA, 2012, p. 4).

A importância do respeito à pluralidade seria uma das tônicas da obra de Rosenzweig, o que é corroborado pelos ensinamentos do professor Souza:

A história do pensamento de Rosenzweig é a história do encontro com essa pluralidade, a qual abre à racionalidade, através do dramático encontro com a morte enquanto barreira final ao trofismo heterofágico da Totalidade, as dimensões reais da temporalidade e da espacialidade para além de um tempo e um espaço monolíticos e auto-referentes. Pressupõe o descoplamento radical (e não meramente lógico) entre o ser e o pensar. A teia de seus conceitos se constrói a partir do desdobramento, em diversas instâncias, dessa pluralidade. É apenas desde a perspectiva originária e originante dessa pluralidade que tal pensamento pode ser compreendido; [...] (SOUZA, 2012, pp. 4-5) – (grifo acrescentado)

Outro ponto que merece ser apresentado é que para se alcançar essa experiência renovada e dinâmica, fazia-se necessário acrescentar o signo “e”, intransponível dessa multiplicidade constitutiva da realidade aos elementos irreduzíveis. Logo, não se teria uma realidade ordenada, fechada, una, mas plural. Assim, seria Deus e Mundo e Homem, afastando-se a lógica filosófica antiga, persistente nos momentos seguintes. Para o filósofo de Kassel, esses três elementos seriam irreduzíveis, com a mesma idade, a mesma antiguidade, a linguagem, o mesmo grau de importância e, acima de tudo, relacionais. Com o acréscimo do “e” estampava a importância da análise dos três em pleno relacionamento. (PERIUS, 2020, p. 264)

Então, para Rosenzweig o objetivo era romper com esse mundo mítico, ainda reinante, oculto, mesmo na Modernidade, na busca do mundo da experiência, da concretude, de onde emergiria o pensamento, a linguagem, os elementos e as ações, o mundo do múltiplo. Para tanto, deveriam ser observadas o conjunto das relações, ou seja, a constituição de uma rede relacional, em Deus (Criação) e no Homem (Revelação) e no Mundo (Redenção). (PERIUS, 2020, p. 265)

Assim, esse novo pensamento levaria a sério o caráter temporal da experiência humana capaz de converter o êxtase de passado, presente e futuro em marcos de eternidade. Por trás e muito antes dos conceitos, haveria um mundo que já existe, e que nos transmitiria o passado. Por isso, ao experimentarmos a nossa individualidade como presente, ao nos relacionarmos conosco e com os outros, nos abriríamos às relações com os outros segundo tarefas e objetivos que se apresentam como futuro. (HENRIQUES, 2017, p. 75)

Por conta disso, em vez de reduzir os diferentes tipos de seres a um só, Rosenzweig apresentava a tríplice experiência temporal da realidade, através do qual o “novo pensamento” apreenderia as relações entre seres: a nossa experiência das coisas do mundo, quando despertássemos para o nosso eu, seria a Criação, enraizada na relação entre o mundo das coisas e o Criador Divino. A experiência do despertar da individualidade no momento presente seria a experiência de Revelação, com o objetivo de partilharmos com os outros seres, e de anteciparmos como futuro seria a experiência de Redenção. Se quisermos compreender os seres e a verdade em seu desdobramento no tempo, deveríamos ver a trajetória das relações desde a Criação até a Redenção. (HENRIQUES, 2017, p. 75)

Justamente essas relações teriam o potencial transformador e renovador da realidade, apontando para uma realidade aberta, dinâmica, em constante movimento e a todo o momento. O tempo, então, passaria a ganhar a devida importância, vez que seria capaz de mostrar como as coisas de fato foram ou são, de modo difuso. Por isso, seria correto afirmar que a nova filosofia de Rosenzweig construiria um sistema de filosofia narrativo, não preocupado em elaborar conceitos adequados para cada elemento, mas narrar a história dessas relações, vez que seriam nessas relações que os elementos se constituiriam. (PERIUS, 2020, p. 266)

Assim, os passos a serem seguidos, comentando as sugestões apontadas na “nova filosofia” de Rosenzweig, o autor Mendo Castro Henriques afirmou:

A fim de reformar suposições sobre a busca da verdade, Rosenzweig sugere que a filosofia se sintonize com a temporalidade da experiência humana. Se o pensamento incorre no risco de tudo reduzir à totalidade, é necessário um elo fundamental na experiência temporal para moderar os excessos redutores da razão. Esse elo é a linguagem. Articulamos a nossa experiência do tempo através dos tempos da língua

falada, através das palavras que nomeiam as coisas ao nosso redor; através da palavra falada com que entramos em relações com os outros. A linguagem traduz a experiência temporal do pensamento. A tal ponto verbalizamos a nossa experiência em tempos diferentes que a categoria gramatical verbo equivale a realidade. Entendemos as coisas do mundo porque as nomeamos e sobre elas contamos histórias. Articulamos a individualidade chamando-nos a nós mesmos eu mas evocando os nossos nomes próprios e dirigimo-nos aos outros, através de pronomes de proximidade como tu ou de distanciamento como ele e ela. (HENRIQUES, 2017, p. 52) – (grifo acrescentado)

Para o professor Souza, um dos grandes méritos de Rosenzweig foi justamente não apenas uma construção de uma estrutura de superação, mas de uma realidade funcional da ética para a vida, conforme segue:

“Rosenzweig, morto sem ver a maior crise do século e o desabar de infinitas crenças (embora as antevendo, certamente), propõe uma estrutura de superação não só do status de desesperança que se lhe seguiu e que, de certa forma, é ainda o nosso, mas, também, de todo luto e náusea que invadem o ser que se descobre finito e que nessa finitude, permanece fixado, sem perceber que ela é, justamente, uma condição fundamental para a construção do sentido. *Propõe, pelo assumir da realidade funcional da ética (pluralidade ativa, convivência de tempos diversos), o impedir da detenção do tempo na tautologia e na violência; pela crença na vida, arriscar os instantes finitos e preciosos que acontecem quando a linguagem é inaugurada e a multiplicidade vivificada pelo assumir real do encontro na temporalidade reconduz a vida compartilhada à condição de esteio máximo do real: “Mas para onde abre-se a porta? Tu não sabes? À vida.” (SOUZA, 2012, p. 14) – (grifo acrescentado)*

A importância da crítica de Rosenzweig à racionalidade totalitária reinante no pensamento filosófico antigo, medieval e moderno apresentado em *A Estrela da Redenção* seria tamanha, pois, através dela seria possível escancarar, o que vale repisar, que esse esforço tido falsamente como racional, era mítico, uniformizador e totalizante, capaz de expor o seu lado mais violento, ou seja, a reiterada redução da multiplicidade da realidade a um princípio de inteligibilidade.

Assim, por exemplo, no momento em que essa lógica reduziria e reconstruiria como paradigma do humano, muito provavelmente ele seria apresentado como de sexo masculino, jovem, branco e rico. Logo, todos os demais que não se encaixassem perfeitamente a esse modelo seriam, então, alvos de exclusão, da desigualdade, da servidão e do aniquilamento, como no caso de mulheres (misoginia), integrantes do grupo LGBTQIA+ (homofobia), idosos (etarismo), pobres (preconceito e desigualdade), indígenas e negros (racismo/genocídio), deficientes físicos (capacitismo), etc. (PERIUS & ROSA, 2020, pp. 81-82)

Outro exemplo a ser citado, trata-se do aniquilamento de povos indígenas oriundos da América Latina, onde novamente fora utilizado a mesma lógica tida como racional, quando na verdade, mítica, totalitária e reducionista apresentou-se como geradora do maior genocídio, em números absolutos da história moderna, segundo o pensamento de Aníbal Quijano, pensador latino-americano, que denunciou que através da imposição da racionalidade moderna europeia, com a criação da ideia de raça (o racismo), somadas ainda à repressão cultural e a colonização do imaginário latino-americano, culminou com a etapa do genocídio dos povos indígenas de aproximadamente 35 milhões de astecas, maias, caribenhos e twantisuyanas, em pouco menos de 50 anos, durante o processo de conquista, de exploração, de escravidão e das doenças a que foram expostos. Longe de ser apenas de uma simples catástrofe demográfica, consistente na destruição das civilizações nativas, mas, especialmente, de suas culturas originárias, ou seja, um amplo etnocídio. Em outras palavras, o binômio da repressão cultural e do genocídio massivo impôs que as culturas sobreviventes fossem reduzidas a subculturas camponesas iletradas, condenadas à oralidade, pois, para os europeus, totalmente despojadas de padrões próprios de expressão formalizada e objetivada, intelectual, plástica ou visual. (QUIJANO, 1992, p. 439)

A mesma ideia de raça (racismo) aconteceu na própria Europa, com a formação do conceito da raça ariana, que acabou culminando com o já mencionado holocausto judeu, imposto pelo regime nazista alemão, liderado por Adolf Hitler, através de uma tamanha engenharia ou indústria da morte, tecnicamente nunca vista, com a execução, com requintes de crueldade, de mais de 6 milhões de judeus, tratando-se do genocídio mais bem documentado de toda a história.

Além do que, fora esses dois tristes episódios históricos, há muitos outros genocídios em andamento, praticamente em todos os continentes, inclusive atra-

vés de constantes guerras que foram e são a expressão coletiva da suposta luta de consciências, onde povos, movidos falsamente ou não por sentimentos nacionalistas ou mesmo de soberania (reducionistas), em torno a interesses de Estados praticam indistintamente o emprego da violência e da morte, justamente por não aceitar a pluralidade, como na atualidade a guerra entre Rússia e a Ucrânia.

Aliás, vale registrar, que esses nacionalismos modernos se aproximam de uma proposta política de messianismo ilegítimo, que lamentavelmente gera a exclusão e o fundamentalismo. Uma violência desmedida, que também não pode ser deixada de lado, trata-se da gerada pelo Estado justamente através do próprio direito. Nesse sentido ensina Henriques:

Para Rosenzweig, como para Hegel, o termo direito inclui a organização da sociedade civil e as regras do estado, ou seja, confunde-se com a política. A violência política surge devido à diferença entre estado e povo. Enquanto o direito, ou seja, as regras da política, coincidir com a vida do povo, não haverá diferendos. Mas com a dessincronização, surgirá a violência, seja para manter as regras seja para as mudar. Pode dizer-se que *a violência é inerente ao direito porque não há maneira de fixar o que é mutável*. (HENRIQUES, 2017, p. 84) – (grifo acrescentado)

Novamente, daí a importância de se compreender essa complexa filosofia experiencial de Rosenzweig, conforme os ensinamentos do professor Perius:

Por trás dessa complexa e pouco compreendida filosofia experiencial, muitas vezes confundida como discurso religioso ou algo do gênero, está um sentido prático e concreto muito preciso. *Franz Rosenzweig tem plena consciência de que sem revolver as raízes de nossa concepção de mundo não estaremos preparados para enfrentar os desafios que se colocam ao século XX*. O primeiro grande conflito mundial é visto como resultado direto de uma ontologia totalitária e de um pensamento direcionado para a totalidade. Além disso, há a questão aguda da vida dos judeus na Alemanha da época. Os sinais já são mais do que evidentes de que o processo de assimilação não será solução para a convivência saudável entre alemães e judeus ou entre judeus e cristãos.

Quando, para que diferentes culturas possam conviver, uma delas precisa desaparecer ou se integrar a ponto de perder sua alteridade, há uma negação da multiplicidade do real. *O desafio é, portanto, o de romper com a lógica do mesmo ou, em outras palavras, com a ontologia da guerra. Nessa lógica, os indivíduos tornam-se paranoicos (o Estado também é um indivíduo no sentido hegeliano) pelo cultivo do medo radical do outro. O pensamento experiencial e o caráter irreduzível da multiplicidade da realidade são elementos que ajudam Rosenzweig, ao mesmo tempo, a entender a lógica da totalidade e dar os primeiros passos no sentido de desativar seus efeitos nocivos.* (PERIUS, 2019, p. 116) – (grifo acrescentado)

O desrespeito ao diferente, à pluralidade, à multiplicidade, à diversidade, ao Outro, a Alteridade, independentemente da nomenclatura que venha ser declarada resulta em uma série de violências, que acabam lamentavelmente resultando nas práticas ainda mais graves e deliberadas como o genocídio e o etnocídio.

Nesse cenário, imprescindíveis as lições do novo pensamento de Rosenzweig no sentido de apontar essa razão como possuidora de uma vocação totalitária, bem como o sistema em que ela se encontra inserida, ou melhor, ocultada, que de racional não tem muito, já que na verdade se trata de mítica e redutora. Além de apontar a alternativa a partir da verdadeira implosão desse modelo, da observação dos momentos de tensão e dos poderes determinantes, criando possibilidades para uma nova realidade, dialógica e relacional, ancorada no tempo, o que poderia afastar o seu principal efeito, a violência.

3. Considerações finais

Ante ao exposto, conclui-se que Rosenzweig destacou-se como sendo o filósofo que no fronte da Primeira Grande Guerra pretendeu literalmente escancarar a vocação totalitária e violenta da razão, desde os pré-socráticos à Modernidade, consubstanciada na tentativa frustrada da busca do conhecimento do todo, ocultando na forma de saber conhecido, a sua apresentação mítica, utilizando-se do judaísmo como método.

Além do que, com isso, demonstrou que essa busca do conhecimento do Todo, no “velho pensamento” aglutinava na formação de um pensamento domi-

nante, totalizante, uniformizador, em uma realidade fechada, que não aceitava a figura do plural, do múltiplo, negando a realidade aberta, dinâmica, no tempo.

Por isso, o seu objetivo não era romper com tudo o que fora construído até aquele momento, mas, de apontar onde se encontrava os pontos de tensões e indicar que a aceitação dessa nova leitura realidade, dentro de seu “novo pensamento” poderia aceitar a realidade como posta, ampliando o diálogo e o relacionamento com os três elementos irreduzíveis tratados (Mundo e Deus e o Homem), o que poderia pôr fim a essa razão totalitária e, conseqüentemente, à violência, à guerra, aos genocídios e aos etnocídios.

Não é à toa que o Rosenzweig é conhecido como o filósofo da palavra, experiencial e da concretude, vez que sua obra articulou fortemente com uma narrativa e esta dialógica, de análise da experiência dinâmica e relacional, de forma concreta, como ela, de fato, encontra-se exposta em nossa sociedade, na busca de uma construção da razão plural. Assim, trata-se, então, de um verdadeiro convite ao respeito à multiplicidade, a pluralidade, ao Outro, ao diverso e à alteridade, independentemente da nomenclatura a ser apresentada, a fim de reduzir os efeitos negativos no presente e no futuro, rompendo com a lógica dominante e violenta.

Referências

- FILHO, I. P. *Uma tradução outra: a tradução dialógica de Franz Rosenzweig posta em diálogo*. São Paulo, 2009.
- HENRIQUES, M. C. *Franz Rosenzweig e o pensamento dialógico*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.
- PERIUS & ROSA, O. P. Elementos para uma crítica da razão violenta. *Aufklärung - Revista de Filosofia*, 2020, pp. 81-92.
- PERIUS, O. A multiplicidade originária: uma leitura da filosofia de Franz Rosenzweig. *Transformação*, 43, pp. 255-270, 2020.
- PERIUS, O. A nova filosofia de Franz Rosenzweig. In: J. S. al, *Filosofia em debate* (pp. 109-116). Palmas: EDUFT, 2019.
- QUIJANO, A. Colonialidade e modernidade-racionalidade. In: H. Bonilla, *Os conquistados: 1942 e a população indígena das Américas*. Bogotá: Tercer Mundo, 1992, pp. 437-447.
- ROSENZWEIG, F. *El Nuevo Pensamiento en Franz Rosenzweig (Vol. 1)*. Tradução de Á. Garrido-Maturano. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2005.
- ROSENZWEIG, F. *La Estrella de la Redención*. Tradução de M. Garcia-Baró. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1997.
- SOUZA, R. T. *O novo pensamento de Franz Rosenzweig: uma síntese*. Porto Alegre, 2012. Disponível em <http://timmsouza.blogspot.com/2012/09/o-novo-pensamento-de-franz-rosenzweig.html>. Acessado em 15/02/2022.

Recebido: 29/03/2022

Aprovado: 10/04/2022

Publicado: 30/04/2022

